

**A influência da percepção inferencial na formação
de vogal epentética em estrangeirismos**

letrônica

Aline Aver Vanin¹**Introdução**

A percepção fonológica de palavras novas na língua materna sempre traz certo estranhamento quanto a sua forma, principalmente em se tratando daquelas que não seguem um padrão linguístico comum à língua em uso. Nas trocas comunicativas cotidianas, o ouvido humano não se deterá às minúcias de cada um dos vocábulos realizados na sua língua, mas provavelmente perceberá com mais atenção aqueles que não são habituais. Isso porque, no desenvolvimento linguístico em língua materna, o indivíduo falante de Português Brasileiro acaba por reconhecer, intuitivamente, que o padrão canônico da sua língua é CCVC(C). Ao se deparar com uma construção incomum, a sua percepção a detectará para então resolver a questão de acordo com as normas da língua. É por isso que em uma palavra originada do inglês, como *status*, a pronúncia do falante do português será realizada como [Is'tatus].

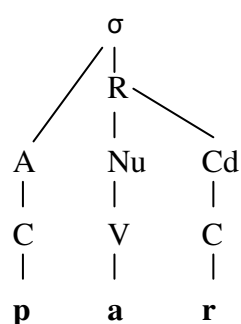
O fenômeno de inserção de um som extra ao vocábulo é referido como *epêntese*, e esse será tratado, neste texto, a partir do ponto de vista da percepção inferencial. Essa percepção é compreendida aqui como um processo de interpretação individual, a partir do

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS.

padrão silábico da própria língua, para o estímulo sonoro de um vocábulo com sílaba de construção incomum à configuração silábica conhecida, resultando, na maioria das vezes, numa percepção ilusória e, conseqüentemente, na inserção de uma vogal originalmente não existente ao vocábulo, como ocorre em *status*. Tal interface se faz necessária visto que se parte da hipótese de que a produção de uma palavra de origem estrangeira molda-se às normas da língua materna devido aos conhecimentos linguísticos adquiridos ao longo da vida, via consciência do esquema silábico da própria língua aplicado ao vocábulo, *input* motivador da epêntese. Para explicitar esse processo, serão feitas considerações a respeito da sílaba e de seus constituintes, do fenômeno epentético e da noção de inferência aplicada à fonologia.

2. A sílaba em língua portuguesa

A fim de analisar a estrutura interna da sílaba, adotar-se-á a perspectiva de uma estrutura arbórea, do modelo CV, ou seja, em que os constituintes são estruturados hierarquicamente. Assim, a construção da sílaba é limitada em três níveis, visto ela ser um constituinte prosódico. Neles, encontram-se: a camada mais subjacente, com um só elemento, representado por σ , sendo a sílaba uma unidade abstrata; a camada intermediária, com dois elementos, o ataque (A), ou *onset*, e a rima (R); e a terceira, dos segmentos especificados em traços fonéticos. Assim, uma palavra como *par* seria assim representada pelo modelo arbóreo:



Tal modelo de construção da sílaba é o que direciona a descrição de grande parte das línguas do mundo, e dele derivam estruturas mais complexas, como aquelas que regem o molde silábico do Português Brasileiro. Nesse padrão, a vogal é obrigatória, por tratar-se do núcleo da sílaba, sendo as consoantes partes periféricas da sílaba. Nela se concentram o acento primário (*prática*) ou secundário de uma sílaba. Conforme Cristóvão Silva (1999, p.

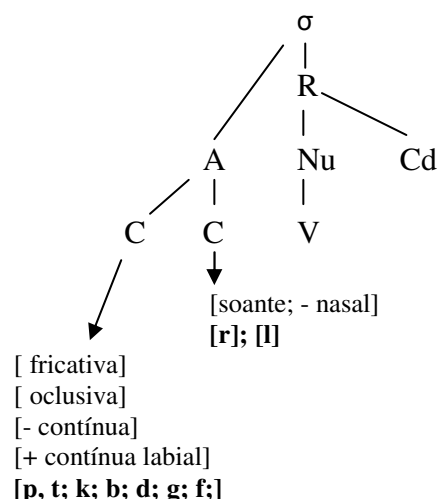
152), “uma sílaba do português requer (...) que a posição da vogal seja preenchida, o preenchimento das posições consonantais é opcional”.

É importante ressaltar que o molde silábico determina o número máximo e o mínimo de elementos permitidos numa sílaba. Assim, os padrões do português podem ser assim exemplificados:

V – <u>é</u>	CCV – <u>pra</u>
VV – <u>auto</u>	CVCC – <u>perspicácia</u>
VC – <u>ar</u>	CCVC – <u>traz</u>
VCC – <u>instabilidade</u>	CCVCC – <u>transporte</u>
CV – <u>pá</u>	CVV – <u>pau</u>
CVC – <u>mar</u>	CCVV – <u>grau</u>
CVCC – <u>perspicácia</u>	CCVVC – <u>clastro</u>

De acordo com Bisol (1999), esse molde por si só não dá conta da estrutura silábica. O ataque, por exemplo, comporta apenas dois constituintes, justamente pela sílaba ser constituída de uma estrutura binária. Enquanto ataque constituído de um elemento apenas, ou ataque simples, é possível que qualquer consoante ocupe essa posição, à exceção de [η] e de [λ], os quais ocorrem apenas por causa de empréstimos, como em *nhoque* e *lhama*, respectivamente, bem como de [\check{r}]. De outra forma, esses sons só são possíveis em posição intervocálica, como em *sinhá*, *velho* e *caro*.

No entanto, ao se dividir o ataque em dois elementos, como no encontro consonantal *gr*, como em *grama*, passam a existir algumas restrições, sendo que esse só pode ser constituído dos seguintes elementos na condição de ataque:



Assim, os grupos permitidos em posição de ataque apresentam, na primeira posição, consoante [+ contínua] ou [- contínua] e na segunda, [soante], [- nasal].

Já na rima (R) está o elemento essencial da sílaba, o núcleo, formado sempre por uma vogal, sendo o único que não pode deixar de constar nessa estrutura. Além desse, quando há coda (Cd) essa é preenchida por uma consoante soante, como em *mar* [‘maʃ] e por / S /, como em *paz* [‘paS] (BISOL, 1999). Essa é a única obstruinte possível nessa posição.

“Uma sílaba consiste em um ataque (A) e em uma rima (R); a rima, por sua vez, consiste em um núcleo (Nu) e em coda (Cd). Qualquer categoria, exceto Nu, pode ser vazia” (citado por COLLISCHONN, 2005, p. 102). É através dessa regra que o falante de Português Brasileiro naturalmente inserirá, em uma palavra como *ritmo*, a vogal [i] entre duas consoantes, formando [‘ritʃimu], ou em *opção*, pronunciando-a como [opi‘sãw]. A formação de uma nova sílaba pela introdução de uma vogal inexistente é denominada *epêntese*, fenômeno tratado na próxima seção.

3. Epêntese

A epêntese é um fenômeno prosódico resultante do processo de silabação. É definido como um tipo de inserção que ocorre em todos os níveis lexicais, inclusive no pós-léxico (BISOL, 1999, p. 729). Isso ocorre porque, de acordo com a teoria fonológica (citado por Collischonn, 2003), durante a silabação “uma consoante não apta a ocupar uma posição silábica de ataque ou coda permaneceria não ligada a nenhum nó silábico”, sendo condenada ao apagamento. Segundo Collischonn (2003), a existência de uma dessas consoantes na

representação fonológica desencadearia a criação de uma sílaba estrutural, sem núcleo vocálico, mas a qual permite a associação da consoante perdida em posição de ataque, sendo essa sílaba preenchida por uma vogal e uma mora² correspondentes.

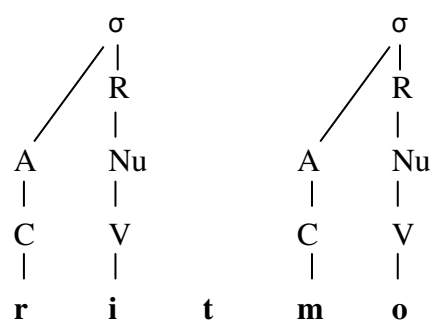
Se os princípios de composição da sílaba básica deixarem dessilabado material que viole os princípios universais ou convenções de língua particular, a silabação interativa, motivada pelo Princípio do Licenciamento Prosódico, processa-se em torno de nós vocálicos vazios, preenchidos, mais tarde, por “default” ou assimilação, legitimando uma configuração silábica (...). (BISOL, 1999, p. 729)

Itô (1989, citado por Collischonn, 1997, p. 140) determina que todo segmento precisa ser licenciado, ou seja, precisa ser associado a uma sílaba; caso contrário, será apagado. Se no curso da silabação as condições de boa formação não forem cumpridas e uma consoante não puder se associar a uma sílaba bem-formada, a consoante é apagada, ou, pelo contrário, essa causará a inserção de uma vogal, formando uma nova sílaba. Sempre que houver um elemento não-silábico, cria-se um novo nó, σ , ao qual o elemento perdido é associado, de acordo com o padrão. O nó vai dispor de um núcleo, ‘V’, cujos traços serão preenchidos por *default*.

Assim, a incidência de vogal epentética para desfazer encontros consonantais em palavras como *tecnologia*, *apto*, *admitir*, *ritmo*, entre outras, é uma forma de evitar o apagamento da consoante pela formação de uma nova sílaba. Esse processo ocorre da seguinte maneira:

A configuração primeira da sílaba é assim formulada:

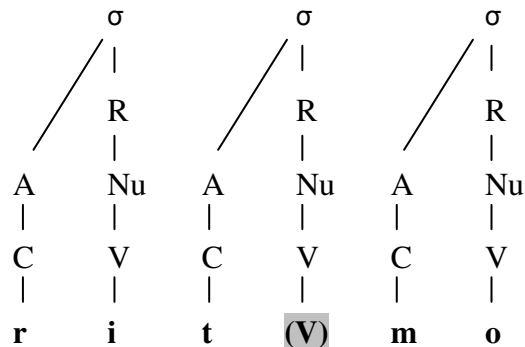
(1)



² A mora é uma unidade de som, em fonologia, que determina o peso silábico (que por sua vez determina o acento tônico e a tipologia rítmica).

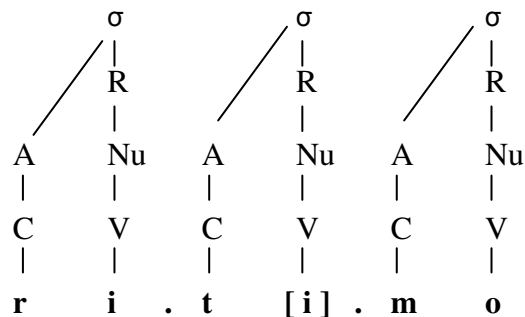
A partir desse vocábulo, uma nova sílaba é criada para satisfazer as condições do Princípio do Licenciamento Prosódico, em que todos os segmentos da palavra devem estar contidos em uma sílaba, isto é, a silabação deve ser exaustiva a fim de evitar apagamento devido ao fato de a nova sílaba não conter núcleo:

(2)



A vogal *default* ([i] ou [e]) preenche o núcleo vazio:

(3)



Nesse caso, assim como em *optar*, o princípio é atendido através da vogal *default* / i / : o.pV.tar. Em português, esse processo pode ocorrer em três posições: em início – epêntese denominada de ‘prótese’ – como em [iS‘tatus] (*status*); no meio – ‘anaptixe’ –, como em [kõ‘pakitu] (*compacto*); e no final de palavra – ‘paragoge’ –, como em [‘puki] (*PUC*) (PEREYRON, 2008, p. 38).

Quanto aos encontros consonantais, há um problema na fixação das estruturas silábicas de alguns deles, visto que possuem, em suas codas, consoantes incomuns em tal posição em português (CÂMARA JR., 1976, p. 46), de acordo com o molde silábico dessa

língua. Por isso, a epêntese surge como um recurso para evitar a quebra inesperada do padrão. Assim, na fala, a vogal é produzida como [i] – mais comumente – ou [e], como em [koneki'toř] (*conector*) ou como [pe'new] ~ [pi'new] (*pneu*).

A estrutura silábica, em se tratando de uma metateoria da sílaba, de modelo arbóreo, rege os princípios gerais de composição da sílaba básica. A árvore representa o conhecimento que o indivíduo tem da estrutura silábica de sua língua, o qual emerge à medida que a capacidade da linguagem se desenvolve (BISOL, 1999, p. 703). Já a silabação é o mapeamento de uma cadeia de sons ao molde canônico para fins de análise. Nesse sentido, pode-se dizer que cada indivíduo desenvolve, ainda na infância, a consciência do padrão silábico de sua língua materna, utilizando-a no reconhecimento de sílabas possíveis. O fato de um fenômeno como a epêntese surgir como uma forma de “consertar” o padrão silábico parece ser parte da intuição do falante em relação à sílaba. Tal evento se reflete principalmente na entrada de vocábulos de origem estrangeira, os quais acabam se fixando na língua conforme seu uso repetido, como é o caso de *slide* [iS'lajdzɨ], *status* [iS'tatus], *t-shirt* [ti'ʃɛrtɨ] ~ [tʃi'ʃɛrtɨ], *czar* [ki'zar], *portfolio* [portʃi'fɔljɔ] ou *caput* [ka'putɨ]. Isso ocorre, portanto, devido à percepção do falante em relação às normas da estrutura da sílaba em sua língua materna e por causa de um elemento essencial à comunicação e compreensão humana: a geração de inferências.

4. Percepção e formulação de inferências

Desde a infância, os indivíduos recebem estímulos relevantes para a aquisição da linguagem. É a partir da observação da fala daqueles com os quais convive, direcionada ou não a ela, que a criança constrói conhecimentos de padrões linguísticos inerentes à língua materna. Ela é capaz de internalizar que a sua língua tem determinadas propriedades, as quais são inconscientemente seguidas, mais tarde, no momento da produção de enunciados. Assim, conforme Lamprecht (2004, p. 29), a categorização do sistema fonológico começa bem cedo e, por volta dos oito meses, os bebês começam a compreender as palavras. Para a mesma autora, nesse estágio'

(...) a capacidade fonética começa a diminuir; no entanto, essa perda fonética representa, na verdade, um ganho fonológico, porque o bebê está aprendendo a prestar atenção nas distinções que são ‘úteis’, no sentido de serem capazes de distinguir palavras, de fazerem parte – ou não – do sistema fonológico de seu ambiente. (LAMPRECHT, 2004, p. 29)

É por esse motivo que, ao produzir, por epêntese, [ba‘řabu], para *brabo*, a criança está testando a língua pelo padrão CV, o mais simples, para, mais tarde, conseguir também produzir um padrão mais complexo do português, no caso, CCV [‘břabu]. Nas suas práticas orais, a criança tenta reproduzir a experiência que ela tem, desde muito pequena, ao receber os *inputs* linguísticos para construir sua percepção fonética e fonológica, internalizando, desse modo, o padrão linguístico da língua à qual é exposta. Por causa dessas referências, o indivíduo acaba não reproduzindo, num primeiro momento, produções que não sigam esse molde estabelecido, muitas vezes modificando o vocábulo de modo a enquadrá-lo foneticamente à regra, como é o caso de *ritmo* ([‘ritřimu]).

Por isso, Parlato-Oliveira (2007, p. 169) aponta que “a percepção humana é um componente essencial do processo comunicativo”. É através dela que um processo epentético pode ser visto como perceptual, posto que esse fenômeno é compreendido como uma percepção ilusória de uma vogal inexistente no estímulo sonoro. Assim, em *blog*, por exemplo, haverá a inserção da vogal em posição pós-léxica: [‘blɔgř].

Toda percepção é uma construção, ou seja, uma interpretação do mundo, e não uma cópia dele. Trata-se, portanto, de uma representação individual do que é observado. Contudo, por não ser uma reprodução do mundo, essa percepção pode ocorrer de maneira a não corresponder à realidade linguística de determinados vocábulos, como é o caso de alguns estrangeirismos.

Tal “distorção” pode ocorrer devido ao fato de os indivíduos constituírem um sistema linguístico no qual alguns padrões silábicos são preferidos em detrimento de outros. Essa trajetória é permeada de construções hipotéticas e tentativas de produção relacionadas à aquisição da linguagem, na qual a percepção e a formulação de inferências interpretativas terão um papel significativo na produção articulatória. Assim, ao longo dos primeiros anos de vida, constrói-se uma base linguística a fim de comparar e constituir novos vocábulos, a qual perpassará, intuitivamente, toda e qualquer produção oral.

Esse alicerce linguístico é construído através de inferências interpretativas, as quais são formadas pelos *inputs* recebidos através dos outros indivíduos no mundo em conjunção com os padrões formulados anteriormente, durante o período de gradativa construção do conhecimento do sistema fonológico em aquisição. Assim, o processo inferencial de percepção da linguagem consiste em extrair, de um *continuum*, categorias discretas, como fonemas e morfemas, as quais dão suporte para os cálculos que serão usados na construção de interpretações para os vocábulos da língua e, mais amplamente, dos enunciados. Esses elementos possibilitam compreender aquilo que o falante pretende em sua fala.

Desde a articulação de uma simples sílaba, o falante imediatamente recodifica o sinal ouvido em termos discretos: as vogais e as consoantes. A gramática fonológica de cada língua especifica qual combinação de sons é legal ou não. Por exemplo, certas línguas autorizam combinações complexas de consoantes (CCCVC); outras, uma alternância estrita de consoante e vogal (CVCVCV) (PARLATTO-OLIVEIRA, 2007, p. 171).

Nesse sentido, pode-se dizer que a percepção é influenciada não somente pelas categorias fonêmicas, mas por toda a gramática fonológica, visto que o que é conhecido pelo indivíduo se choca com aquilo que ele recebe como *input* linguístico do mundo. Dessa forma, cada falante de português terá a percepção, por exemplo, de que essa língua aceita, em início de sílaba, o encontro consonantal *bl*, como em *bloco*, porque esse já se constituiu como parte de um grupo de encontros consonantais possíveis na sua língua, conforme apontado na seção dois deste texto. Contudo, um vocábulo iniciado por *st* não faz parte do inventário silábico que esse indivíduo carrega, o qual deverá recorrer ao seu conhecimento linguístico para adaptar esse encontro consonantal aos padrões da sua língua. É por isso que, ao deparar-se com *star*, por exemplo, a sua produção será ajustada ao seu sistema linguístico: [is'tar].

Essas diferenças não apenas influenciam na organização do sistema linguístico, mas também sobre a forma como essas são percebidas. Por isso, os encontros fonêmicos possíveis de uma língua são categorizados de acordo com o padrão construído durante o período de aquisição da linguagem, decorrente de processo inferencial. De fato, por causa do fenômeno de percepção categorial, é muito difícil distinguir dois sons entre aqueles que são percebidos como pertencentes a categorias idênticas na nossa língua. Massaro & Cohen (1983), demonstraram que a percepção de uma consoante ambígua é influenciada pela legalidade da sequência na qual ela aparece. Isso quer dizer que os falantes tendem a interpretar um aspecto incomum à sua língua de forma que o produto dessa operação se enquadre na sua língua.

Assim, quando há muitas interpretações em conflito, o falante naturalmente vai escolher aquela que mais bem se molda àquilo que ele conhece. Dupoux et al. (1999, citado por PARLATTO-OLIVEIRA, 2007) demonstraram que quando se apresentam a falantes japoneses sequências de consoantes ilegais na língua, eles tendem a ouvir uma vogal ilusória entre as consoantes, de forma a tornar a sequência possível. Há, portanto, uma epêntese perceptual, o que leva a acreditar que a segmentação da fala contínua é uma interpretação do sinal auditivo, o que é influenciada pela gramática da língua.

Formula-se a hipótese de que a epêntese parece ser, então, um fenômeno limitador da percepção, porque a tendência de um falante de português é não tratar as produções fonêmicas tal como ele as ouve; através da percepção e, conseqüentemente, do processamento inferencial da comunicação, ele unirá os conhecimentos fonológicos construídos no processo de aquisição da linguagem aos *inputs* fonêmicos, percebidos ilusoriamente, no momento da troca comunicativa.

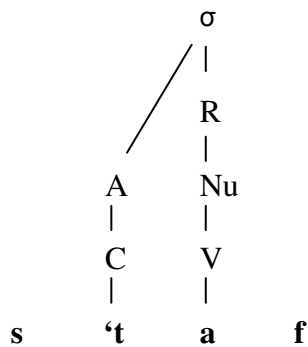
Pode ser por isso que o português brasileiro contém uma regra linguística que corrige sistematicamente sequências ilegais de consoantes inserindo uma vogal / i / ou / e /. Assim, a epêntese também se faz presente no prefixo ‘sub’, que aparece em palavras morfologicamente complexas como [‘subi], mesmo quando ele é seguido por uma vogal (por exemplo, na palavra “subaquático” [subia‘kwatʃiku]).

A percepção é, portanto, um processo inferencial em constante análise dos fatos da língua materna. Por isso, pode-se dizer que o fenômeno de epêntese se realiza por causa do fato de os falantes perceberem as sequências que não são possíveis na língua. Trata-se de um efeito ilusório, no qual uma sequência de consoantes é ouvida com a inserção de uma vogal epentética entre elas, como é o caso de *tsunami* [tʃizu‘nəmi]. Desse modo, de acordo com Parlatto-Oliveira (2007), a representação subjacente de uma palavra será adaptada diretamente pelo processo perceptivo, não sendo necessário estipular um mecanismo de adaptação (gramatical ou articulatório) durante a produção.

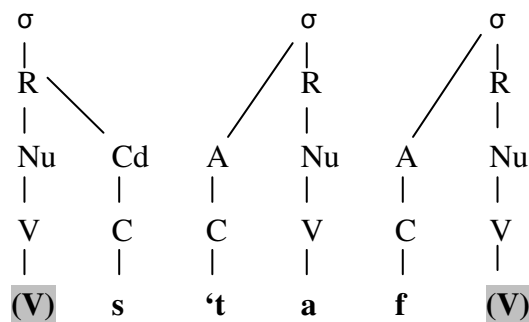
Como as regras da língua materna predominam, os conhecimentos linguísticos afetam a percepção de vocábulos provenientes de outras línguas, os chamados *estrangeirismos*. Assim, para uma palavra como *staff*, comumente usada em português, o falante produzirá duas epênteses, uma inicial e outra final, [is‘tafɨ], posto que ele segue um princípio inerente à sua formação fonológica; nesse caso, ao atender inconscientemente ao princípio de

licenciamento prosódico, o falante está adequando essa palavra ao sistema fonológico de sua língua:

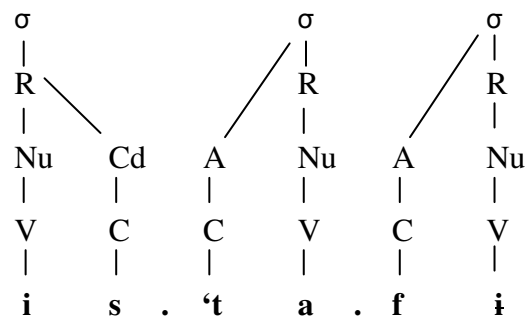
(1)



(2)



(3)



Abaixo, exemplifica-se como vocábulos de origem estrangeira serão realizados por um falante de língua portuguesa que não tem interferência de segunda língua³:

³ Dados conferidos no dicionário eletrônico Houaiss (2002).

*Epêntese no início de palavra (prótese)*⁴

<i>steak</i>	[<u>is</u> 'tejki]
<i>stress</i>	[<u>es</u> 'trɛsi] ~ [is'trɛsi]
<i>strass</i>	[<u>is</u> 'tras]
<i>status</i>	[<u>is</u> 'tatus]
<i>slide</i>	[<u>is</u> 'lajdʒi]
<i>staff</i>	[<u>is</u> 'tafi]
<i>stalinismo</i>	[istali'nizmu]
<i>stereo</i>	[<u>is</u> 'tɛreo]
<i>stock-car</i>	[<u>is</u> 'tɔki.kaʃ]
<i>stretch</i>	[<u>is</u> 'trɛtʃi]

Epêntese no meio de palavra (anaptixe)

<i>tsé-tsé</i>	[tʃi'zɛ. tʃi'zɛ]
<i>tsunami</i>	[tʃizu'nəmi]
<i>czar</i>	[ki'zar]
<i>tsar</i>	[tʃi'zar] ⁵ ~ [ti'zar]
<i>pseudo</i>	[pi'sewdu]
<i>striptease</i>	[istɾipi'tʃizi]
<i>pterossauro</i>	[pitero'sawru]
<i>advogado</i>	[adʒivo'gadu] ~ [adevo'gadu]

Epêntese no final de palavra (paragoge)

<i>blog</i>	['blɔgɨ]
<i>surf</i>	['suɾfi]
<i>steak</i>	[<u>is</u> 'tejki]

⁴ Em itálico, está a representação gráfica da palavra; em colchetes, a fonológica.

⁵ Variação de *tsar* e *czar*.

<i>teamwork</i>	[tim'woʁki] ~ [tʃim'woʁki]
<i>straight flush</i> ⁶	[is'treitʃi. 'fluʃi]
<i>off</i>	['ɔfi]
<i>yen</i>	[i'ene] ⁷
<i>pop art</i>	['pɔpi. 'artʃi]
<i>yin-yang</i>	['in.i'ãgi]
<i>cyborg</i>	[si'bɔrgi] ~ [si'bɔrge]
<i>top</i>	['tɔpi]
<i>web</i>	['wɛbi]
<i>net</i>	['netʃi]

Como se pode constatar, o falante de português brasileiro tem a tendência de adaptar os vocábulos acima de acordo com as regras fonológicas processadas por ele durante o período de aquisição da linguagem. Nesse sentido, “o amadurecimento do conhecimento fonológico resulta no estabelecimento de um sistema condizente com esse *input*” (LAMPRECHT, 2004, p. 29), o que significa dizer que nem toda produção fonética representará a realidade fonológica de uma palavra proveniente de língua estrangeira. A representação subjacente seguirá os padrões linguísticos aos quais o indivíduo é exposto, o que transforma as palavras supracitadas exemplos bastante claros de como elas serão percebidas e processadas. Isso porque, conforme mencionado, os *inputs* linguísticos seguem o padrão da língua e, ao unirem-se a outros, que não os usuais, eles são processados inferencialmente, mas, por causa da interferência da língua materna, o falante acaba criando uma vogal ilusória, a fim de que essa não seja apagada e, também, que se adéque aos padrões reconhecidos. A percepção é, portanto, um fator ilusório e, ao mesmo tempo, limitador.

A partir do momento em que sua atenção se voltar para o fato de o padrão ser diferente daquele que está acostumado, o falante poderá dar-se conta dessa diferença fonética. Muitas vezes, essa tomada de consciência pode não ocorrer. Contudo, em salas de aula de língua estrangeira, por exemplo, os professores precisam apontar, ostensivamente, para o fato de palavras como *school* não possuir um [i] epentético no início dessa palavra. É possível que o

⁶ *Straight flush* designa, no jogo de pôquer, a sequência de cinco cartas do mesmo naipe.

⁷ *Yen*, em português, já é grafado desta forma: *iene*.

aprendiz de uma segunda língua atente, como consequência da exposição às novas regras silábicas, para o mesmo fato nas palavras inseridas na própria língua. Mesmo assim, a língua materna – no caso, o português – influencia mais a inserção da vogal epentética, visto que o padrão predominante é o instaurado durante a aquisição.

Com isso, pode-se dizer que a percepção fonológica é decorrente de um processo inferencial, no qual a base linguística servirá de subsídio para a formulação e produção dos estrangeirismos conforme a língua-mãe do falante. Isso não significa que, com a aquisição de uma segunda língua, novas regras não possam ser inseridas ao conjunto já estabilizado; ao falante caberá um esforço para apropriar-se dela e adequar-se a um novo padrão.

Referências

BISOL, Leda. A sílaba e seus constituintes. In: NEVES, Maria Helena de Moura (org.). *Gramática do Português Falado*. Volume II: Novos Estudos. Campinas: Editora da Unicamp, 1999, p. 701-742.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *Estrutura da Língua Portuguesa*. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 1976.

COLLISCHONN, G. A sílaba em português. In: BISOL, Leda. *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. 4. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

COLLISCHONN, G.. *Análise prosódica da sílaba em português*. Tese de doutorado em Linguística Aplicada. Porto Alegre: PUCRS, 1997.

_____. Epêntese vocálica no português do sul do Brasil: variáveis extralinguísticas. *Revista Letras*, n. 61, especial. Curitiba: Editora UFPR, 2007, p. 285-297.

CRISTÓFARO SILVA, Thaís. *Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios*. São Paulo: Editora Contexto, 1999.

DUPOUX, E.; KAKEHI, K.; HIROSE, Y.; PALLIER, C.; MEHLER, J. Epenthetic vowels in Japanese: a perceptual illusion? *Journal of Experimental Psychology: Human Perception and Performance*, v. 25, n. 6, p. 1568-1578, 1999.

LAMPRECHT, R. R. (org.). *Aquisição fonológica do português: perfil de desenvolvimento e subsídios para terapia*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

Vanin, Aline A.

MASSARO, D. W.; COHEN, M. M. Phonological constraints in speech perception. *Perception & Psychophysics*, v. 34, p. 338-348, 1983.

PARLATO-OLIVEIRA, Erika. Investigação do fenômeno de epêntese em crianças monolíngües e bilíngües: a influência da percepção na aquisição fonológica. *Letras de Hoje*. V. 42, n. 1. Porto Alegre, março, 2007, p. 169-178.

PEREYRON, Letícia. *Epêntese vocálica em encontros consonantais mediais por falantes porto-alegrenses de inglês como língua estrangeira*. Dissertação de Mestrado em Linguística Aplicada. Porto Alegre: PUCRS, 2008.

Recebido em: 15/07/2009

Aceito em: 28/09/2009

Contato: aline.vanin@ymail.com

Recebido em: 15/07/2009

Aceito em: 28/09/2009

Contato: aline.vanin@ymail.com

